

# LIBERDADE E RESPONSABILIDADE EM SARTRE

Wilson Mário de Moraes\*

## RESUMO

A teoria sartreana do ser-para-si conduz a uma teoria da liberdade. O ser-para-si define-se como ação e a primeira condição para a ação é a liberdade. Liberdade responsável, constitutiva da realidade humana, entendida como autonomia de escolha. Decorrente deste princípio, a filosofia de Sartre afirma ser o homem inteiramente responsável por aquilo que ele faz.

O processo existencial é definido pela livre escolha que cada um faz de si mesmo, dos valores que inventa e dos fins que persegue, constituindo-se num verdadeiro processo ético-existencial de constituição da subjetividade, no qual o sujeito vai-se fazendo no exercício da sua liberdade. Este processo vislumbra uma ética que assuma suas responsabilidades frente a uma realidade humana em situação.

**Palavras-chave:** Sartre, ser-para-si, liberdade, autonomia.

## RÉSUMÉ

La théorie de Sartre sur l'être-pour-soi conduit a une théorie sur la liberté. L'être-pour-soi se défine comme action ; or, la condition première de l'action c'est la liberté, liberté responsable, constitutive de la réalité humaine, conçue comme autonomie de choix. D'après ce principe, la philosophie de Sartre assure l'entière responsabilité de l'homme sur tout ce qu'il fait.

---

\*Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Le procédé existentiel se défine a partir des choix librement assumés, des valeurs qu'on se propose et des buts poursuivis, de façon à constituer un vrai procédé éthique-existential de constitution de la subjectivité, selon laquelle le sujet se développe dans l'exercice de sa liberté. Ce procédé entrevoit une éthique capable de prendre sur soi la responsabilité face à une réalité humaine en situation.

**Mots clés:** Sartre, être-pour-soi, liberté, autonomie.

## 1. Considerações iniciais: o itinerário de Sartre.

O século XX assistiu ao nascimento e à morte de um homem que jamais deixou de fazer de todos os momentos de sua vida uma permanente reflexão sobre os problemas fundamentais da existência humana. Nascido em Paris, no início do século, Jean-Paul Sartre foi uma testemunha deste período marcado por contradições, guerras mundiais, fim de utopias, esperanças e desilusões. O século XX chamado de a Era dos Extremos<sup>1</sup> foi o Século de Sartre<sup>2</sup>. O pensamento sartreano reflete a preocupação existencial de que o homem deve fazer uma opção livremente e, assumir a responsabilidade da opção feita. Ele é aquilo que ele escolhe ser.

A obra e o pensamento de Sartre são mais bem compreendidos quando colocados no horizonte dos acontecimentos marcantes de sua época como, por exemplo, as duas guerras mundiais, que mostraram a ineficácia dos princípios éticos que norteavam as sociedades; a crise da razão e das ciências humanas; a perda de sentido da existência frente a ruínas de humanismos prometedores e instituições veneráveis que fizeram estremecer a estrutura cultural do Ocidente. Tudo isto põe em questão a existência humana, dentro da qual o homem busca um sentido para a sua vida e o seu destino. As filosofias da existência surgem neste contexto de busca de significação para a vida humana e uma questão se coloca: falta para estas filosofias uma ética?

---

(1) O historiador Eric Hobsbawm assim denominou o século XX. A sua obra *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)* apresenta a história do século em três eras. A primeira é chamada de Era da Catástrofe, marcada pelas duas guerras mundiais, regimes totalitários e o declínio das democracias liberais. A segunda é chamada de Era de Ouro, os anos dourados de paz congelada, das revoluções sociais e culturais e do socialismo real. A terceira é chamada de Desmoronamento marcado pelas crises e fim do socialismo.

(2) Assim o denominou Bernard-Henri Lévy.

Nascido na Europa, num contexto de conflitos, o existencialismo procurou empenhar-se na compreensão da realidade humana, a partir do indivíduo concreto, em sua existência cotidiana, pautando por um princípio fundamental: a existência precede a essência. O que significa dizer que o homem não é determinado por nenhuma essência precedente, não existindo uma natureza humana definidora do que seja o homem antes do seu ato de existir. Cada indivíduo constrói a sua própria existência e a vida se torna um contínuo exercício de construir-se a si mesmo.

A obra de Sartre apresenta uma imensa variedade: vai de artigos ocasionais a ciclo de romances, de contos a sínteses filosóficas vastas, de roteiros cinematográficos a panfletos políticos, de peças de teatro a reflexões sobre a arte e a música, de crítica literária à psicanálise e biografias monumentais. Todas elas tentam captar as motivações interiores de indivíduos singulares em relação às situações sócio-históricas específicas da época que os moldou, a qual, por sua vez, ajudaram a transformar. Sartre tem um projeto fundamental desenvolvido em suas obras, constantemente revisado. Sua obra é multifacetada, articulada mediante as transformações dela mesma, com uma unidade estrutural interna coerente. Ancorado em diálogo com a filosofia clássica da subjetividade, desenvolve seus conceitos filosóficos, entre os quais, aquele que pode ser considerado o eixo estruturador de seu pensamento: o conceito de liberdade.

O centro organizador e o cerne estruturador da obra de Sartre continua sendo sua preocupação universal com a liberdade. A eliminação da fome e da exploração não surgem como fim em si mesmas, ma como degraus necessários na direção da libertação do homem, na direção da realização de sua liberdade ( MESZAROS, 1991, p. 23)

O centro organizador e o cerne estruturador do conjunto de seus escritos é a sua preocupação com a problemática da liberdade e a sua concepção de indivíduo. A liberdade é sempre manifestada em condições existenciais determinadas. O homem é compreendido como liberdade que se vai constituindo na história através de um processo existencial. Sartre insiste na primazia da práxis individual face a face com as estruturas coletivas e institucionais. A primazia e centralidade atribuída a práxis individual, intimamente relacionada com a liberdade, é que define a especificidade do projeto fundamental de Sartre em toda a variedade de suas manifestações. A contingência da situação oferece ao escritor a matéria prima para a criação de sua obra. Percebe-se que a preocupação com a moralidade é dominante nas obras de Sartre. Uma moral latente perpassa todos os seus escritos (MESZAROS, 1991).

O itinerário do pensamento filosófico de Sartre permite-nos distinguir duas fases distintas, a saber: um primeiro e um segundo Sartre. O primeiro Sartre tem a sua maior expressão na obra *O Ser e o Nada*, onde apresenta com maestria, partindo do método fenomenológico, sua compreensão da realidade humana. O segundo Sartre tem sua maior expressão na obra *Crítica da Razão Dialética* onde faz um confronto de suas teses existencialistas com o marxismo. A mudança encontrada nestas duas fases de seu pensamento diz respeito ao foco das investigações (BORNHEIM, 1984). A continuidade presente na evolução de sua obra é entendida como um intercâmbio dialético. Há uma dialética da continuidade e da descontinuidade e não uma ruptura da estrutura; o que há são modificações continuadas com base na estrutura original. A predominância da continuidade de forma paradoxal e as tensões heterogêneas que determinam suas transformações relativas é que definem a especificidade do desenvolvimento intelectual de Sartre (MESZAROS, 1991).

Valendo-se dos recursos configurados da filosofia e da literatura, Sartre procurou mostrar as possibilidades e as limitações do indivíduo concreto situado nas conjunturas cruciais da história da humanidade no século XX. Muitas de suas obras são perpassadas por uma desconfortável limpidez reveladora da existência humana. Um fio consciente de combinar literatura e filosofia caracterizou, desde o início, sua obra, na qual percebemos uma ressonância ética (SILVA, 2003).

## 2. O conceito sartreano de liberdade.

É ação minha tudo o que não aconteceria, se eu não quisesse que acontecesse. A possibilidade de fazer ou de não fazer, de dar o sim ou não a certos atos que dependem de mim, é o que podemos chamar de liberdade.

Não seria a liberdade apenas ilusões sobre as nossas possibilidades reais? Parece que tudo o que acontece tem a sua causa determinante, segundo as leis da natureza, ou nos remonta a uma situação anterior, que faz com que seja inevitável o que aconteceu depois. O que seria um ato livre? Não seria ele um ato que se não possa prever nem mesmo conhecendo a situação anterior do universo, ou seja, um ato que invente a sua própria causa e não dependa de nenhuma precedente?

A questão da liberdade não se coloca no terreno da causalidade física, mas no campo da ação humana como tal, que não

pode ser vista apenas de fora como seqüência de acontecimentos, mas deve também ser considerada de dentro, como a intervenção de variáveis difíceis de manejar, como a vontade, a intenção, os motivos, a previsão...

A liberdade é fundamental para a compreensão do homem. Em primeiro lugar, a liberdade não parece supor um ato sem causa prévia, um milagre que interrompe a cadeia dos efeitos e suas causas, mas outro tipo de causa que também precisa ser considerada. Falar de liberdade não implica renunciar à causação, mas ampliá-la e aprofundar nela. A ação é livre porque sua causa é um sujeito capaz de querer, de escolher e pôr em prática projetos, ou seja, de realizar intenções. Liberdade não é uma ruptura na cadeia de causalidade, mas uma nova linha de ação prática que a enriquece. Quando digo que fiz livremente uma ação não significa dizer que essa tinha sido uma ação espontânea, mas que a causa desta ação sou eu mesmo como sujeito.

O termo liberdade, no transcorrer da história da filosofia, assumiu vários usos. Entre eles, a disponibilidade para atuar de acordo com os próprios projetos ou desejos, aludindo a ausência de impedimentos físicos, psicológicos ou legais para agirmos como queremos. Sartre formulou toda uma metafísica radical da liberdade. No homem, o primordial é o fato de que ele existe e deve inventar a si mesmo, sem estar predeterminado por nenhum tipo de essência ou caráter imutável.

O pensamento de Sartre pode ser condensado no lema: O homem não é o que é e é o que não é. Nós não somos algo dado previamente, uma vez por todas, algo programado de antemão. Somos o que não somos, o que ainda não somos ou o que desejamos ser; somos nossa capacidade de nos inventarmos permanentemente, de transgredir nossos limites. O homem não é nada senão a disposição permanente para escolher e revogar o que quer chegar a ser. Nada nos determina a sermos isto ou aquilo, nem de fora nem de dentro de nós mesmos. Apesar de, às vezes, tentarmos nos refugiar no que escolhemos ser, como se fosse um destino irremediável, o certo é que sempre estamos abertos a nos transformar ou a mudar de caminho. Se não mudamos é porque escolhemos ser desta maneira e não de outra. Sou eu que escolho me resignar à minha condição social ou me rebelar contra ela e transformá-la; sou eu que descubro as adversidades do meu corpo ou da realidade, ao propor objetivos que me desafiam. Até os obstáculos que bloqueiam o exercício de minha liberdade provêm de minha determinação de ser livre e de sê-lo desta ou daquela maneira, que nada me impõe.

A liberdade humana, entendida no sentido radical que Sartre lhe outorga, é a vocação de negar tudo o que nos rodeia na realidade alternativa, a partir de nossos desejos e paixões livremente assumidos. Podemos fracassar na tentativa, mas não podemos deixar de tentar nem renunciar ao empenho, pretextando a necessidade invencível das coisas. A única coisa que nós não podemos escolher é entre ser e não ser livres: estamos condenados à liberdade, por mais paradoxal que possa soar esta fórmula sartreana, já que é a liberdade que nos define como humanos.

## 2.1 - Liberdade e Escolha

Na quarta parte de sua obra mestra, *O Ser e o Nada*, Sartre trata, especificamente, no primeiro capítulo, intitulado “*Ser e fazer: a liberdade*”, sobre a questão da liberdade.

A compreensão sartreana do ser situa-se no horizonte de uma compreensão fenomenológica, entendendo dois modos fundamentais de ser: de um lado, a coisa ou o mundo, o em-si e, de outro lado, a consciência ou o homem, segundo Sartre, o para-si. Esses dois modos de ser acontecem no existir humano. Sartre pretende alcançar “*a liberdade no seu bojo*” (SARTRE, 2002, p.543). O para-si é definido pela liberdade, que se torna o coração e o objetivo de toda a obra sartreana.

O para-si é liberdade, pois necessita sempre escolher o seu modo de ser e é sobre um fundo ontológico que a liberdade se dá. O para-si constrói-se a si mesmo, enquanto processo existencial, através das ações realizadas, assumindo a liberdade como seu sustentáculo. A condição primordial da ação humana é a liberdade e as categorias cardeais da realidade humana são ter, fazer e ser (SARTRE, 2002, p. 535)

A categoria do fazer nos remete imediatamente à questão da ação humana. Para Sartre, o para-si é o ser que se define pela ação. Toda ação é intencional, visando a um fim referido a um motivo. O motivo é a razão de um ato ou a captação objetiva de uma situação determinada, na medida em que esta situação se revela, à luz de certo fim, como apta a servir de meio para alcançar esse fim (SARTRE, 2002, p. 551). O móbil é o fato subjetivo, pois engloba desejos e emoções que levam a realizar determinado ato. Motivo, móbil e fim não se separam na compreensão de uma consciência livre que se projeta rumo às suas possibilidades.

O fim é parte integrante da ação e designa a condição humana como ser de possibilidades, destacando o futuro como dimensão da temporalidade que faz com que a ação seja sempre um ultrapassar algo dado, em direção a algo que ainda não é. Algo simplesmente dado se transforma em motivo, visando a um fim na sua intencionalidade. "*O fim nada mais é do que o esboço de uma ordem dos existentes, ou seja, o esboço de uma série de disposições a serem tomadas pelos existentes sobre o fundamento de suas relações atuais*" ( SARTRE, 2002, p.595)

Qual é a condição da ação? Sartre afirma que é a concepção da realidade humana como possibilidade de ser de um outro modo. Toda ação tem como condição o reconhecimento de uma falta objetiva, ou a negatividade ( SARTRE, 2002).

É através da ação que o homem mantém sua relação mais fundamental com o mundo, superando sua determinação estática e imprimindo alterações na sua própria materialidade. Essa ação está sempre em busca de um fim a realizar, não é redutível a um simples movimento e precisa de uma base fundamental, condição primeira, que é a liberdade, que a todo instante constrange a realidade humana a se fazer ao invés de ser. A liberdade é o nada no coração da realidade humana e traz em si o caráter de ser absoluta, doadora de sentido a todas as determinações exteriores do homem. Ser livre significa determinar-se a si mesmo; o querer e não o obter o que se quis. O êxito não importa, em absoluto, a liberdade.

O Êxito não importa absolutamente à liberdade. A discussão que opõe o senso comum aos filósofos procede de um mal-entendido: o conceito empírico e popular de liberdade, produto de circunstâncias históricas, políticas e morais, equivale à faculdade de obter os fins escolhidos. O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui significa apenas isto: autonomia de escolha ( SARTRE, 2002, p. 563)

A discussão que opõe o senso comum aos filósofos provém de um mal-entendido: o conceito empírico e popular de liberdade equivale à faculdade de obter fins escolhidos. O conceito filosófico e técnico significa autonomia de escolha ( SARTRE, 2002). A escolha pressupõe um começo de realização, diferenciando do sonho e do desejo. Sartre dá o exemplo do prisioneiro que é sempre livre, não para sair da prisão, mas para tentar escapar. Qualquer que seja sua posição, ele pode tentar sua evasão e descobrir o valor do seu projeto por um começo de ação.

Não podemos separar o escolher do fazer, a intenção do ato e o pensamento da linguagem que o exprime. Como nossa palavra revela

nossos pensamentos, nossos atos revelam nossas intenções, permitenos torná-las objetos, em vez de nos limitarmos a vivê-las, ou seja, a tomar delas uma consciência não-tética. Descartes já percebeu esta distinção entre liberdade de escolha e liberdade de obter.

O para-si é livre, mas não é o seu próprio fundamento, pois se ser livre significasse ser seu próprio fundamento significaria dizer que a liberdade decidisse sobre a existência de seu ser. Haveria uma possibilidade de escolha, uma liberdade prêvia que escolhesse ser livre.

Somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade... Se a liberdade decidisse sobre a existência de seu ser, seria necessário não somente que fosse possível o ser como não livre, mais ainda que fosse possível minha inexistência absoluta ( SARTRE, 2002, p. 597)

Para Sartre a liberdade não pode decidir acerca de sua existência pelo fim que posiciona. A liberdade é falta de ser com relação a um ser dado e não surgimento de um ser pleno. Se a liberdade é esse buraco no ser, esse nada de ser, pressupõe todo o ser para surgir no âmago do ser como buraco. A liberdade não é livre para não ser livre e não é livre para não existir. O fato de não poder não ser livre é a facticidade da liberdade e o fato de não poder não existir é a sua contingência. A liberdade é originalmente ligação com o dado, não sendo este a causa nem a condição necessária da liberdade ( SARTRE, 2002, p. 599)

O ato fundamental da liberdade é escolha do meu ser. "*É escolha de mim mesmo no mundo e ao mesmo tempo descoberta do mundo*" ( SARTRE, 2002, p. 569). Segundo Sartre, precisamos evitar a ilusão que transformaria a liberdade original em um posicionamento de motivos e móveis como objetos, e depois em uma decisão a partir desses motivos e móveis. Quando há motivos e móveis já há posicionamento de fins e, portanto, escolha. A escolha profunda identifica-se com a consciência que temos de nós mesmos. Esta consciência é não posicional, é nós-consciência, pois, não se distingue de nosso ser e, uma vez que nosso ser é nossa escolha original, a consciência de escolha é idêntica à consciência que temos de nós mesmos. É preciso ser consciente para escolher e é preciso escolher para ser consciente. Escolha e consciência são uma só e mesma coisa ( SARTRE, 2002). A consciência é nadificação e somos sempre presentes na íntegra a nós mesmos.

A liberdade humana é escolha. Ser livre quer dizer escolher. A escolha manifesta que a realidade humana se constitui como um projeto no mundo.

Para a realidade humana, ser reduz-se a fazer e, uma vez que ela é ação, sua determinação à ação é ela mesma ação, o mundo revela-se segundo o fim escolhido e o dado não pode explicar a intenção, é preciso que esta por seu próprio surgimento realize uma ruptura com o dado e mesmo a consciência existindo a partir do dado, não significa que o dado a condicione. A realidade humana pode escolher-se como bem entenda, mas não pode não escolher e essa escolha é absurda, não por carecer de razão, mas porque não houve a possibilidade de não escolher. O projeto livre é fundamental, porque é meu ser ( SARTRE, 2002).

## 2.2 - Liberdade e Situação.

E as determinações que provêm de nossas situações históricas, de nossa classe social, ou de nossas condições físicas ou psíquicas? E os obstáculos que a realidade opõe a nossos projetos? De que modo afirmar a liberdade como escolha, se, na prática nem tudo se pode escolher? Para Sartre tudo isto não impede o exercício da liberdade porque sempre se é livre dentro de um estado de coisas e diante desse estado de coisas.

A argumentação sartreana tem como pano de fundo os argumentos do determinismo como doutrina oposta à liberdade. Sartre afirma que tais argumentos, também chamados de coeficientes de adversidades das coisas, não danificam a liberdade, *"porque é por nós, ou seja, pelo posicionamento prévio de um fim, que surge o coeficiente de adversidade"*( SARTRE, 2002, p. 593). Tudo o que existe fora do para-si se esclarece pelo fim que o para-si põe na sua relação com o mundo, isto é, o para-si se realiza como escolha. Sartre fala do comprometimento ao afirmar que só pode haver um para-si livre, enquanto comprometido em um mundo resistente ( SARTRE, 2002).

Se a liberdade é absoluta e a escolha é constante, como compreender situações da vida humana que parecem independentes de nossas escolhas? Circunstâncias diante das quais o homem apresenta sua impotência? Para Sartre, mesmo as coisas brutas que parecem limitar nossa ação, só se apresentam como limites à luz dos fins colocados pela própria liberdade. A realidade humana escolhe seus fins e a resistência do mundo faz com que a liberdade se anuncie. O para-si é livre por se comprometer em um mundo que lhe oferece resistências. É no enfrentamento destas resistências, engajados em uma situação na qual procuramos realizar nosso projeto, que a liberdade

se faz. A liberdade não é livre para não ser livre e não é livre para não existir. Sartre nos coloca diante da facticidade e da contingência da liberdade. Aquilo que é independente da escolha, é manifestação da facticidade: lugar, corpo, época histórica. A contingência da liberdade é não poder não existir. Em sua origem, a liberdade é relação com o dado.

Sartre reconhece que, sem o dado, não há liberdade; mas, ao mesmo tempo, recusa ser o dado um fator condicionante da liberdade. Como se estabelece a relação da liberdade com a facticidade e com a situação? Será o ser humano impotente diante do mundo factual, ou seja, da realidade que lhe é dada? Será a negação interna suficiente para explicar a questão da liberdade?

Diante da situação, nós elegemos nossa atitude, imprimindo-lhe um sentido a partir de nossos próprios fins.

“O importante, pois, é o que fazemos daquilo de que somos feitos, chame-se a isso situação, estrutura, natureza ou outra denominação qualquer: o importante é o nosso projeto livre de superar a facticidade e o dado pela ação” ( PERDIGÃO, 1995, p.104)

Sartre afirma que, se de um lado, a liberdade deriva do nada do para-si, do outro lado, é devido ao em-si bruto que ela surge como liberdade, de maneira que as resistências que o para-si encontra, permitem o surto da própria liberdade. Ela ultrapassa e nadifica o dado, mas, se este não consegue dirimir a liberdade, precisa reconhecer que há qualquer coisa como um condicionamento ontológico da liberdade ( SARTRE, 2002). A liberdade é como um buraco no ser, supondo todo o ser para poder surgir como um buraco. Ela é o nada que se instaura no seio do ser. Neste sentido, podemos dizer que é um menos ser que supõe o ser para subtrair-se a ele “*ela nadifica o ser que ela é e nadifica também o ser que ela não é e ao qual permanece originalmente relacionada*” ( BORNHEIM, 1984, p. 117)

Como entender esta relação ao dado, ou seja, este condicionamento ontológico do ato livre? Em primeiro lugar, não podemos considerar o dado como causa da liberdade, uma vez que a causalidade só se entende no plano do em-si e, tão pouco, sua razão, já que perde significado sem a liberdade e, uma vez que o para si é pura contingência, o dado não é causa necessária do ato livre e, se a liberdade é negação interna do dado, este não poderia ser matéria indispensável ao seu exercício, como se tratasse de uma relação entre matéria e forma, segundo a teoria aristotélica. Diz Sartre: “*O leitor compreendeu que esse dado não é outra*

*coisa senão o em-si nadificado pelo para-si que deve ser, do que o corpo como ponto de vista sobre o mundo, do que o passado como essência do que o para-si foi* ( SARTRE, 2002, p. 559). O ser envolve a liberdade e termina sendo o compromisso e a ameaça do ato livre.

O condicionamento ontológico da liberdade inaugura o terreno da situação. Esta se apresenta como um produto comum, um fenômeno ambíguo derivado da contingência da liberdade e da contingência do em-si. É pela situação que o em si se transforma em motivo. Toda a liberdade está em situação e não há situação sem liberdade. A situação é o modo como o para-si nadifica o em-si. As resistências e obstáculos encontrados pela realidade humana só adquirem sentido a partir da livre escolha que a realidade humana é. Embora a escolha lhe seja fundamental, a situação se estabelece sobre um fundo de facticidade. Sartre diz que a liberdade é a apreensão de minha facticidade (SARTRE, 2002).

A postura de Sartre conduz-nos, então, à facticidade da própria liberdade, pois o homem é condenado a ser livre, não sendo a liberdade livre de não ser livre. A situação é a contingência da liberdade. O dado da situação não é somente produto do em-si, mas é também produto do para-si.

Sartre analisa os significados das diversas maneiras de apresentação do dado, exemplos precisos da relação entre a liberdade e a situação – lugar, passado, arredores, próximo, morte – e o papel desempenhado na configuração da situação. Todos os exemplos destacam-se pela sua característica antropológica, uma vez que o mundo é significado pelo homem. As diversas manifestações da situação não limitam a liberdade. A liberdade é absoluta, mas na finitude do sujeito.

### **2.2.1- Manifestações da Situação**

O primeiro dos exemplos de situação diz respeito ao lugar, entendido por Sartre como sendo a totalidade dos objetos com os quais me relaciono. A primazia é do sujeito e, portanto, é a liberdade que constitui a facticidade do meu lugar. Ele é lugar somente porque o para-si o constitui como tal.

A análise desta questão é feita a partir de uma série de exemplos que levam a um mesmo resultado: tudo é compreendido a partir do poder nadificador do para-si. Eu ocupo um lugar determinado, mas

*“é minha liberdade que vem conferir-me o meu lugar , situando-me, definindo-o como tal; só posso ser rigorosamente limitado a esse ser ai, que sou, porque minha estrutura ontológica consiste em não ser o que se é e ser o que não se é”* ( SARTRE, 2002, p. 606).

Nascer é receber um lugar e este lugar é sempre uma relação anunciada entre algo que sou e algo que não sou, devendo comportar duas operações: escapar daquilo que sou e nadificá-lo, e escapar por negação interna aos istos no meio do mundo que não sou, e pelos quais anuncio a mim mesmo aquilo que sou.

A determinação da localização supõe uma transcendência e ocorre em relação a um fim, e é à luz deste fim que meu lugar adquire significação e minha condição é compreendida à luz do futuro. O fim ilumina uma situação porque pode ser compreendido como modificação projetada dessa situação. A liberdade é a apreensão de minha facticidade e o lugar é a facticidade de minha liberdade. É somente no ato pelo qual a liberdade descobriu a facticidade e captou-a como lugar que este lugar se manifesta como entrave aos meus desejos; é a própria liberdade que cria os obstáculos de que padecemos. Ela faz isto posicionando seu fim e fazendo aparecer nossa localização como resistência insuperável ou dificilmente superável aos nossos projetos. A liberdade existe como poder de nadificação e escolha. Ela está ligada à facticidade. Sem esta, a liberdade não teria nenhum sentido.

O lugar é determinado pelo nascimento do indivíduo, independentemente de sua escolha. Sartre afirma que *“nascer é ocupar um lugar, ou melhor, recebê-lo”* ( SARTRE, 2002, p. 603) e, ao mesmo tempo, se responsabilizar por ele: *“ao nascer tomo um lugar, mas sou responsável pelo lugar que tomo”* ( SARTRE, 2002, p. 609). O lugar traz em si as marcas da contingência. Uma extensão ganha significado a partir do momento em que eu ocupo um lugar. Ao nascer, ocupamos um lugar e somos responsáveis por ele e por suas significações. Sem a realidade humana não haveria lugar. Este não é apenas uma extensão, mas uma relação em direção a um fim projetado. Sartre continua afirmando: *“o lugar em que estou é uma relação”* ( SARTRE, 2002, p. 603) A sua significação existe à luz do fim que o indivíduo projeta ser. A sua maior ou menor capacidade de adversidade está no projeto livre do sujeito. Por exemplo, alguém, que almeja seguir uma carreira diplomática e mora numa cidade do interior, pode sentir o seu lugar como impedimento à realização do seu projeto.

A determinação da localização supõe uma transcendência e ocorre em relação a um fim, à luz do qual o meu lugar adquire significação e é à luz do futuro que minha condição pode ser compreendida. O fim ilumina uma situação porque pode ser compreendido como modificação projetada dessa situação. A liberdade é a apreensão de minha facticidade e cria os obstáculos de que padeço; posicionando seu fim, faz aparecer a localização como resistência aos meus projetos (SARTRE, 2002)

O segundo exemplo analisado é o “meu passado” (SARTRE, 2002). As reflexões de Sartre sobre o passado estão dentro do âmbito da história, entendida como uma das situações que vêm ao encontro do para-si, à qual ele não pode escapar. Um dos elementos da compreensão da realidade humana é a temporalidade. Seria o passado um obstáculo à minha liberdade? Sou determinado por ele? Examinando a condição temporal do para-si, Sartre desenvolve seu pensamento, tomando como fio condutor a negação. Tal negação é colocada em movimento através do fim que o sujeito se propõe ao tomar em consideração o seu passado. É de minha liberdade atual que depende confirmar o sentido dessas antecipações, assumindo a responsabilidade por elas, ou seja, dando seguimento a elas, antecipando o mesmo porvir que elas antecipavam, ou, então, invalidá-las, simplesmente antecipando outro porvir. Sartre aplica ao passado a escolha que define a liberdade, isto é, o nosso próprio passado é também escolhido por nós. E é essa escolha que define o passado enquanto histórico.

O passado histórico é monumental e está em suspenso. Ele é criado a partir do presente, daquilo que se é, e do futuro, daquilo que não se é ainda. O presente é espera, quer em relação ao passado, quer em relação ao futuro.

Todos nós temos um passado que não é determinante dos nossos atos como o fenômeno anterior determina o fenômeno subsequente. O passado é o que é, aquilo que não podemos modificar por nenhum instante, “*eu sou o ser pelo qual o passado vem a si mesmo e ao mundo*” (SARTRE, 2002, p. 610). Não é possível me conceber sem o passado. A liberdade, sendo escolha, é mudança, definindo –se pelo fim que projeta ser. O futuro é o estado do que ainda não é aquilo que é e só pode ser concebido em profunda conexão com aquilo que é. Aquilo que é, é falta e só pode ser concebido em profunda conexão com o porvir. Aquilo que é, é o passado.

Segundo Sartre o passado é aquilo a partir do qual concebo e projeto um novo estado de coisas no futuro, então esse passado em si

mesmo é aquilo que é abandonado em seu lugar, aquilo que, por conseguinte, acha-se fora de toda perspectiva de mudança. Para que o futuro seja realizável é preciso que o passado seja irremediável, e se a liberdade é escolha de um fim em função de um passado, reciprocamente o passado só é aquilo que é em relação a um fim escolhido (SARTRE, 2002). No passado há um elemento imutável e um elemento variável – a significação do fato. A significação do passado acha-se estritamente dependente do meu projeto presente. Só eu posso decidir a cada momento o valor do passado. O projeto rumo aos objetivos preserva o passado e lhe confere sentido.

É o futuro que decide se o passado está vivo ou morto. O passado é originariamente projeto. As camadas de preteridade são organizadas pela unidade do meu projeto. O que caracteriza as sociedades humanas como históricas não é simplesmente o fato de terem um passado, mas o fato de assumirem o passado como monumento. *“A historização perpétua do para-si é a afirmação perpétua de sua liberdade”*(SARTRE, 2002, p. 616). O passado é parte integrante e condição necessária do meu projeto, ele se integra à situação quando o para-si, por sua escolha do futuro, confere à sua facticidade passada um valor, uma ordem hierárquica e uma premência a partir das quais essa facticidade motiva seus atos e suas condutas.

Num terceiro momento, Sartre analise os “meus arredores” (SARTRE, 2002) e pergunta se não seriam eles um obstáculo à minha liberdade. Por arredores Sartre entende não o lugar que ocupo, mas os utensílios que me circundam com seus coeficientes próprios de adversidade e utilidade (SARTRE, 2002) trata-se do mundo circundante que diz respeito aos objetos dos quais fazemos ou não os nossos utensílios. Em uma dada situação, as coisas que estão ao nosso redor podem ter uma função útil ou serem prejudiciais a nós. Sartre diz que a nossa liberdade de escolher não deve ser confundida com a nossa liberdade de obter. É o fazer do sujeito que confere às coisas o seu caráter de ser seu obstáculo ou utilidade para o próprio sujeito. Estes coeficientes não dependem unicamente do meu lugar, mas da potencialidade própria dos utensílios *“minha liberdade de escolher não deve ser confundida com minha liberdade de ter”*(SARTRE, 2002, p. 621).

Se as adversidades dos arredores forem ocasião de mudança do meu projeto, não está em jogo a minha liberdade? As mudanças nos arredores não podem provocar mudanças no projeto fundamental, o que serve para medir a importância dos mesmos e provocar a renúncia a um

projeto. A impossibilidade de prosseguir em certa direção deve ser livremente constituída. Mais uma vez Sartre diz que a presença do dado, longe de constituir um obstáculo à nossa liberdade é exigida pela existência da própria liberdade e ser livre é ser livre para mudar. Minha liberdade encerra a existência de arredores a modificar, obstáculos a transpor, ferramentas a utilizar ( SARTRE, 2002). É a própria liberdade que os revela como obstáculos, mas, como sua livre escolha não pode mais do que interpretar o sentido do seu-ser, é necessário que estejam simplesmente aí, em bruto, para que haja liberdade. Ser livre é ser livre para fazer e para ser livre no mundo.

O projeto de uma liberdade, em geral, é uma escolha que subentende a previsão e a aceitação de resistências, quaisquer que sejam. Todo projeto de liberdade é um projeto em aberto, com possibilidades de modificações posteriores, não um projeto fechado.

A adversidade da qual as coisas servem de testemunha para mim é prefigurada por minha liberdade como uma de suas próprias condições e é em uma significação livremente projetada da adversidade em geral que tal ou qual complexo pode manifestar seu coeficiente individual de adversidade ( SARTRE, 2002, p. 624)

Sartre dá o exemplo da montanha íngreme que só se torna obstáculo à minha liberdade à luz dos fins que se procura alcançar, mas em si mesma não constitui um limite à liberdade. Sua condição de obstáculo ou adversidade surge em decorrência da própria liberdade. *“Sou absolutamente livre e responsável por minha situação. Mas também jamais sou livre, a não ser em situação”* ( SARTRE, 2002, p. 626).

É fato que eu pertenço a um mundo habitado. Seria o “meu próximo” ( SARTRE, 2002) um obstáculo à minha liberdade? O fato de estarmos em um mundo onde há também o outro implica levarmos em conta três categorias de realidade que constituem a minha situação concreta: os utensílios já significantes, a significação que descobro como já sendo minha e o outro como centro de referência, ao qual tais significações me remetem.

É inegável admitir o existir coletivo do homem. O outro também dá significado ao mundo. Eu me encontro comprometido em um mundo já significativo, que me refletem significações que não foram criadas por mim. O problema do “meu próximo” é entendido a partir da questão do significado. O falar indica a pertença do homem ao mundo e indica também que o

homem se encontra junto a outros homens. Sartre não separa a linguagem do para-si, segundo ele: “*é falando que faço a gramática; a liberdade é o único fundamento possível das leis da língua*” (SARTRE, 2002, p. 635). A linguagem é o instrumento pelo qual a liberdade confere ao dado a sua condição de ser esse dado. O para-si não é primeiro um homem, para ser si-mesmo depois; não se constitui como si-mesmo a partir de uma essência humana dada a priori; mas, muito pelo contrário, é em seu esforço para escolher-se como si-mesmo pessoal que o para-si mantém em existência certas características sociais e abstratas que fazem dele um homem: as conexões necessárias que acompanham os elementos da existência humana só aparecem sobre o fundamento de uma livre escolha; neste sentido, cada para-si é responsável, em seu ser, pela existência de uma espécie humana (SARTRE, 2002).

O para-si só pode escolher para além das situações das quais não é a origem. Ele surge em um mundo que é mundo para outros para-si e está em presença de sentidos que não vêm ao mundo por ele: é nesse mundo que ele deve ser livre. “*Ser livre não é escolher o mundo histórico onde surgimos – o que não teria sentido – mas escolher a si mesmo no mundo, não importa qual seja*” (SARTRE, 2002, p. 640).

Nenhum estado de técnicas é restritivo às possibilidades humanas. Quando o para-si se afirma frente a outro objeto, descobre, ao mesmo tempo, as técnicas. A partir daí, pode apropriar-se delas, interiorizando-as. Sucede que utilizando uma técnica, ele a transcende rumo a um fim e está sempre para além da técnica que utiliza. Pelo fato de ser interiorizada, a técnica, que era pura conduta significativa e coagulada de um outro objeto qualquer, perde seu caráter de técnica e se integra no livre transcender dos dados rumo ao fim.

Este caráter determinante do para-si implica de fato em um limite à liberdade de cada para-si individual. O outro que me é transcendente faz de mim um objeto seu, ou outro-objeto. É a liberdade que limita a própria liberdade, quer a liberdade do para-si, quer a liberdade do outro. Na relação com o outro, cada para-si experimenta uma alienação recíproca, na qual o outro faz de mim um em-si e também eu faço do outro um em-si. As raízes desta alienação estão no interior do para-si que escolhe, mas são manifestadas no dado externo da existência dos outros para-sis que, também eles, escolhem. A reflexão sartreana não admite qualquer limite à liberdade. Para ele, esse limite é externo e, por isto, não é nem obstáculo real nem efetivo limite. “*Os únicos limites que uma liberdade encontra, ela os encontra na liberdade*” (SARTRE, 2002, p. 644).

Sartre chama a morte de “*o inumano por excelência*” (SARTRE, 2002, p.651). Ela está incluída entre os absurdos que caracterizam a existência do para-si. Ela não é um limite à liberdade por não ser um projeto e nem pertencer ao para-si. Ela é totalmente estranha à realidade humana. Minha individualidade prescinde da morte para se constituir. Sartre nega ainda que a morte seja um possível escolhido entre tantos que são escolhidos pela realidade humana. A morte é uma supressão de meus possíveis.

O lugar, o passado, os arredores, o próximo, a morte, tudo se entende a partir do poder nadificador do para-si. Para Sartre, a liberdade continua sendo absoluta. A facticidade não determina o para-si.

### **3. Considerações finais: A angústia e a solidão da liberdade.**

Os caminhos da liberdade são os caminhos da aniquilação, da contingência e da solidão absolutas, da completa gratuidade, do absurdo das paixões inúteis condenados ao fracasso. A liberdade absoluta implica numa total responsabilidade e acarreta uma angústia ilimitada em dois sentidos: uma temporal e outra ética, decorrentes do fato do para-si sendo livre não tendo como precaver contra a permanente possibilidade de ter de fazer nova escolha de sua maneira de ser.

Na angústia ética advém a certeza de que os valores morais têm como único fundamento possível a nossa capacidade de criá-los. A vida é uma permanente escolha e, a cada escolha, escolhemos a nós mesmos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. Temos que optar por um valor a cada momento. A angústia surge por sabermos que não temos a quem recorrer para orientar nossos valores. A liberdade que sou é o único fundamento a que posso me apegar. Somos inteiramente responsáveis pelos nossos atos e pela significação do mundo ao qual atribuímos valores. A responsabilidade é absoluta. O homem torna-se um ser totalmente sem desculpas e o único responsável pela sua existência. Sejam quais forem os coeficientes de adversidade, ele será sempre responsável pela forma escolhida para enfrentar tais adversidades. Radicalizando a questão da responsabilidade, estabelece o homem como responsável não só por ele, mas pela humanidade inteira. (SARTRE, 1987).

Sartre desenvolveu o seu conceito nuclear, a saber, o conceito de liberdade fazendo, inicialmente, uma descrição ontológica da

liberdade entendida como autonomia de escolha, passando para uma análise da liberdade situacional, e termina refletindo sobre a relação da liberdade com a responsabilidade e com a angústia ética. A concepção sartreana da liberdade modifica-se. Ela é radical, absoluta e ambígua. Está diretamente ligada com as escolhas feitas pelo homem em uma autonomia radical. Sendo o princípio fundamental do existencialismo a precedência da existência sobre a essência, não há um núcleo do sujeito pré-estabelecido, estando o homem lançado no mundo num contínuo processo de existir, processo esse determinado pela liberdade.

## Bibliografia

BORNHEIM, G. **Sartre: Metafísica e Existencialismo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

HOBSBAWM, E. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LEVY, Bernard-Henri. **O Século de Sartre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MESZAROS, I. **A Obra de Sartre: Busca da Liberdade**. São Paulo: Ensaio, 1991.

PERDIGÃO, P. **Existência e Liberdade: uma Introdução à Filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Existencialismo é um Humanismo; a Imaginação; Questão de Método**. São Paulo: Abril Cultural, 1987 ( Col. Os Pensadores ).

SILVA, F.L. **Ética e Literatura em Sartre**. Ensaios Introdutórios. São Paulo: UNESP, 2003.

Recebido em 12/10/2006